
MANIFESTAÇÕES ESTÉTICAS DISSIDENTES

Rosani Ketzer Umbach (Org.)

O termo dissenso provém do latim *dissensus* e designa na linguagem comum uma diferença de opinião com respeito a certas questões e temas. Ele é assim o oposto do consenso. Em termos políticos, a dissidência se manifesta pela discordância da política oficial, do poder estabelecido e, neste contexto, o termo é aplicado particularmente às dissidências ocorridas em regimes autoritários e totalitários. Nesse caso, os indivíduos e grupos que optam pela dissidência são denominados dissidentes.

Em termos culturais, a literatura, o cinema e as artes em geral são campos férteis para manifestações estéticas dissidentes, principalmente quando provenientes de, ou relacionados a contextos históricos de repressão, característicos de regimes ditatoriais. É o que evidenciam os artigos que compõem a presente edição da revista *Literatura e Autoritarismo*.

Abre a edição o artigo intitulado “Bois, cachorros, reis barbudos e mortos insepultos: o realismo mágico na literatura brasileira pós golpe militar de 1964”, de João Luis Pereira Ourique e Douglas Eraldo dos Santos, que propõem reflexões sobre a presença do insólito e do realismo mágico na produção literária brasileira desse período. O trabalho adota a relação entre literatura e sociedade “para observar o respectivo contexto social e histórico e seu impacto na estética da produção literária pela ruptura com o modelo realista até então em vigor”.

Em “O aprendizado de Nando diante de duas situações extremas: o golpe civil-militar e a tortura”, Glener Cruz Ochiussi analisa a personagem central do romance *Quarup*, de Antonio Callado, no contexto do golpe civil-militar de 1964 e da experiência da tortura, e conclui que “A primeira situação-limite está diretamente relacionada à personagem Francisca, a grande paixão do protagonista, a segunda a Manuel Tropeiro, amigo sincero de Nando.” Para o articulista, os dois personagens conduzem a formação política de Nando nas situações conflituosas cruciais do enredo.

Tháise Gomes Lira e Luciane Alves Santos consideram que “o pensamento utopista e a especulação sobre um mundo melhor estimularam a criação de obras que focam a desordem e desarmonia”. E mais: “Na ficção utópica surgem as condições para a Distopia”. Em seu artigo analisam a obra *A casa de vidro*, de Ivan Ângelo, um dos textos distópicos originalmente escritos em português. De acordo com as articulistas, “Distopias proporcionam análises social e política, têm aspectos peculiares, surgiram no século XIX e se firmaram no século XX. São marcadas pelo totalitarismo, centralização de poder, plano u/distópico, repressão do indivíduo, controle pela violência, questionamento do status quo, alienação popular; alta tecnologia, liberdade vigiada, (não) heróis banidos”.

Em “Ética e estética da poesia marginal”, Debora Priscila Arevalo Gutierrez e Vitor Cei analisam a antologia *26 poetas hoje*, organizada e publicada por Heloisa Buarque de Hollanda em 1976, e mostram que “ética e estética são duas dimensões absolutamente imbricadas na poesia marginal brasileira dos anos 1970. Ao verificar as principais características éticas e estéticas da crítica que a poesia marginal fez da ditadura militar no Brasil, o artigo destaca que “a poesia marginal recusava o status quo, a favor da experimentação e da resistência, de modo que a intersecção entre estética e ética assume grande relevância política” e conclui que “a experiência estética passa a se constituir uma via de acesso para a vida ética”.

O artigo de Jildonei Lazzaretti e Adriana Claudia Martins analisa a obra *O rei branco*, de György Dragomán, a partir dos conceitos de autoritarismo e de violência, a fim de constatar como a narrativa se desenvolve em relação a essas duas temáticas. Nesse sentido, o artigo considera as definições de “autoritarismo” e “violência”, bem como a reflexão teórica e alegórica de Wolfgang Sofsky no *Tratado sobre la violencia*. Além disso, o texto analisa as referências históricas utilizadas na construção ficcional da narrativa, a fim de compreender as especificidades do regime autoritário e violento, demonstrando a centralidade dos conceitos de autoritarismo e de violência na obra. Segundo os articulistas, esses elementos são determinantes para o desenvolvimento do enredo, bem como para a transformação do narrador-personagem, Dzsátá.

Em “Os Limites da Fundação de Isaac Asimov: Utopia e antiautoritarismo”, Marcel Cesar Julião Pereira e Gilson Leandro Queluz discutem as noções de ciência e tecnologia presentes no romance *Limites da Fundação* (1983), de Isaac Asimov, “por meio de uma análise discursiva das estruturas narrativas, cronotopos e contexto e vozes sócio-políticas da obra”, que era “a continuação de uma série de contos escritos entre 1944 e 1950, depois agrupados como romances e lançados no formato de trilogia”. Os articulistas argumentam que, “Ao confrontar suas posições anteriores à sua nova visão de mundo frente as transformações sociais das décadas que separam os romances, Asimov conseguiu dar uma especial relevância crítica e antiautoritária à obra”.

O artigo de Maria Edinara Leão Moreira analisa a temática do exílio, das peregrinações e da heresia na narrativa da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, *Na casa de Julho e Agosto*, publicada em 1984. A articulista investiga “a ordem laica das beguinhas e suas correspondências na ficção llansoliana e na historiografia oficial”, com embasamento teórico de Lieve Troch, em *Mística feminina na Idade Média* e Nachman Falbel, em *As heresias dos séculos XII e XIII*, apontado “os diferentes quadrantes da ordem leiga das beguinhas, suas situações dentro e fora dos beguinários, o modo de vida firmado no modelo de autogestão financeira, no trabalho e nas simbologias religiosas”.

O artigo de Ana Paula Cantarelli visa discutir dois poemas de Astrid Cabral, “Surdos e cegos” e “Açougue”, pertencentes ao livro *Jaula* (2006), “a partir da forma como os eu-líricos se posicionam em relação ao abate e à comercialização de bovinos destinados à alimentação humana”. Dividido em duas partes, a primeira “aborda o distanciamento adotado pelos homens frente aos demais animais sob um viés histórico-sociológico” e a segunda “propõe uma relação entre as discussões estabelecidas na primeira parte e o conteúdo dos poemas selecionados alicerçada em dois pontos: a existência de matadouros em nossa sociedade e a oposição razão X pathos”.

Encerrando esta edição, Hamid Yari e Mohsen Hanif investigam a interconexão entre amor e religião em *A Farewell to Arms*, de Ernest Hemingway, explorando “a natureza conflituosa desses conceitos na figura do padre”. No artigo em inglês, os autores sustentam que essa personagem afasta, de forma ambivalente, o amor sensual de Henry por Catherine e se esforça para levá-los a um amor consagrado.

Desejamos uma boa leitura e esperamos que os artigos desta edição contribuam para reflexões e novos estudos sobre as manifestações estéticas e seu poder de análise da sociedade.